

## AÇÃO COMUNICATIVA NA ESCOLA: USOS E POSSIBILIDADES DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE JÜRGEN HABERMAS

♦Benjamim Perez Maia  
♦♦Jucimara de Barros Bandeira

### RESUMO

*O presente trabalho propõe reflexões sobre a comunicação entre professor e aluno a partir da Teoria da Ação Comunicativa e de que forma as idéias de Jürgen Habermas podem servir de fundamentação para a transformação das práticas comunicativas, tomando como ponto de partida a postura autoritária, individualista do professor para uma postura interativa, isto é numa comunicação em que atores envolvidos participem de modo democrático visando o consenso, na ótica da Teoria. Entende-se que o espaço de sala de aula seja o ideal para que ocorram interações, permitindo a compreensão da vida em sociedade. Comumente a comunicação em sala de aula é ineficiente, não garantindo a participação efetiva de todos os integrantes do processo educacional. A linguagem quando voltada ao entendimento mútuo torna-se condição imprescindível na busca por uma nova relação entre sujeitos através de um agir comunicativo que possibilite um avanço no processo dialógico entre professor e aluno. A aprendizagem em sala de aula não ocorre no vazio, mas trazem a exigência de um saber no qual se dá o entendimento. Essa compreensão contrapõe-se à visão dogmática do conhecimento que, com variações, constitui a tônica de seu tratamento pela escola.*

*Palavras chave: Teoria da ação comunicativa. Escola. Comunicação.*

### ABSTRACT

*This paper offers reflections on the communication between teacher and student from the theory of communicative action and how the ideas of Jürgen Habermas can serve as a foundation for the transformation of communication practices, taking as its starting point the authoritarian stance, individualistic teacher for an interactive approach, this is a communication in which stakeholders participate in a democratic way aiming at consensus, through the lens of theory. It is understood that the space of the classroom is the ideal interactions to occur, allowing the understanding of life in society. Often communication in the classroom is inefficient, not guaranteeing the effective participation of all members of the educational process. The language aimed at mutual understanding when it becomes an indispensable condition in the search for a new relationship among individuals using a communicative action which allows a breakthrough in the dialogue process between teacher and student. Learning in the classroom does not occur in a vacuum, but bring the requirement of a knowledge in which it gives understanding. This understanding contrasts with the dogmatic view of knowledge that, with variations, is the keynote of his treatment by the school.*

### Biografia

♦Mestre em Educação – UFPR. Filósofo, Pedagogo. Professor da Rede Estadual de Ensino e Professor das Faculdades do Brasil - UNIBRASIL

♦♦Mestre em Educação – UFPR. Pedagoga da Rede Municipal de Ensino e Professora das Faculdades do Brasil - UNIBRASIL.

## 1. INTRODUÇÃO

A escola deve ser um espaço que privilegie ações democráticas, ações que mediadas pela comunicação legitimem as relações que se estabelecem em seu interior, do professor para o aluno e do aluno para o professor. Em virtude da complexidade nas relações entre esses atores, torna-se essencial compreender a importância da comunicação no sentido de buscar a transformação dessas práticas. A escola deve objetivar não só a democracia nas suas ações, mas deve evitar que os sujeitos – professor e aluno fiquem à margem da condução do seu processo de formação.

Pelo entendimento da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas delinea-se no presente texto, uma tentativa para, através da comunicação, transformar a prática pedagógica, evoluindo de uma perspectiva autoritária, fragmentada e individualista para uma visão democrática, coletiva, na busca do consenso. A dificuldade encontrada para realizar semelhante tarefa origina-se de uma formação antidemocrática principalmente na comunicação professor e aluno.

Habermas desenvolve um conceito de racionalidade que não é mais baseado no subjetivismo e no individualismo: ele fala da necessidade do sujeito reunir-se com seus pares e tentar chegar ao consenso, de dar voz a todos os participantes dos atos de comunicação, de reabilitar a esfera pública para que as pessoas possam decidir sobre a orientação das ações sociais não mais por qualquer imposição coercitiva (externa ou interna), mas por uma disposição democrática de dialogar e é situar a discussão da autonomia e gestão democrática da escola dentro da teoria da ação comunicativa, como afirmam Benedicto, Brito, Lima (2005)

Nesta perspectiva é enfatizada a importância da linguagem e do diálogo para a construção e desenvolvimento do conhecimento. Para o autor, o conhecimento deve ser compreendido como uma construção social. Na visão habermasiana, a educação é baseada em relações dialógicas, em que a troca e participação coletiva nos discursos são indispensáveis.

Na linguagem adotada pelo professor fica evidente a sustentação formal, na relação professor e aluno. O poder que o educador exerce através da linguagem torna-se evidente neste processo, ou seja, é por meio da palavra que visa comunicar algo. Seu esforço concentra-se na tentativa de estimular pelo discurso argumentativo, a direção que ao aluno poderá seguir. O ato pedagógico por meio da linguagem, pelo discurso argumentativo é um dos recursos utilizados pelo professor em sala de aula. A faculdade da linguagem tem papel crucial em todos os aspectos da vida, do pensamento e da interação humana<sup>1</sup>.

O presente trabalho pretende promover uma reflexão sobre a importância da ação comunicativa na escola, ao tomar como base a exigência de que entre os sujeitos envolvidos, no processo comunicacional, exista uma postura crítica constante quanto às suas práticas. Para tanto é necessário que se faça inicialmente, a apresentação dos aspectos significativos dessa teoria como ponto de partida para pensar a possibilidade de uso na comunicação professor e aluno.

Se nas ações do professor, ficam evidenciados somente os aspectos técnicos, isto é, se ele agir estrategicamente, sua prática, então, estará marcada por uma suposta neutralidade, que nega a importância da intersubjetividade na relação com o educando. Focar a atenção ao inter-relacionamento professor/aluno especialmente ao momento da interpretação intersubjetiva que o sujeito do conhecimento realiza neste encontro, para obter o significado das coisas ao seu redor é fundamental para o processo ensino e aprendizagem.

O entendimento de que na ação comunicativa os sujeitos podem chegar a um consenso é fator preponderante para a reflexão constante nas relações sociais. Para atingir o consenso é necessário que todos os envolvidos possam decidir sobre a orientação das ações sociais, não atendendo a qualquer imposição coercitiva, mas por uma decisão tomada coletivamente.

A fim de estabelecer as bases teóricas para a reflexão sobre o agir comunicativo, serão delineados a seguir uma síntese da trajetória de Habermas, e de sua principal obra: A Teoria da Ação Comunicativa, visando assim o entendimento esperado para a transformação das práticas comunicativas, reconhecendo na

<sup>1</sup> CHOMSKY, Conferência proferida na UFRJ em 18 de novembro de 1996, p.1

escola um espaço propício para estas ações.

## 2. HABERMAS E A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

Nascido na cidade de Düsseldorf, (Alemanha) em 1929, Jürgen Habermas é um autor crítico em constante produção, considerado um dos pensadores mais importantes do século XX. Estudou Filosofia, História, Psicologia, Economia e Literatura Alemã nas Universidades de Göttingen, Zurique e Bonn. Concluiu seu Doutorado em 1954. Neste mesmo período, Habermas tornou-se assistente de Adorno<sup>2</sup>, a quem assistiria até 1959, no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, a chamada Escola de Frankfurt. Em 1961 publicou a obra *Entre a Filosofia e a Ciência - O Marxismo como Crítica*, inserida em *O estudante e a Política*. Jürgen Habermas lecionou filosofia e sociologia na Universidade de Frankfurt.

Várias obras e artigos foram publicados pelo filósofo nos anos seguintes, entre os quais se destacam: *Evolução Estrutural da Vida Pública*, em 1962; *a Teoria e Práxis*, em 1963; *Lógica das Ciências Sociais*, em 1967; e *Técnica e Ciência como Ideologia e Conhecimento e Interesse*, ambas em 1968.

Em 1968 Habermas mudou-se para New York e tornou-se professor da New York School for Social Research. Em 1972 mudou-se para Starnberg, e assumiu a direção do Instituto Max-Planck. Em 1983 voltou lecionar na Universidade de Frankfurt.

Com uma extensa produção literária em ciências sociais, teorias sociais e história das idéias têm suas raízes teóricas na tradição do pensamento alemão de Kant a Marx e dos teóricos críticos da Escola de Frankfurt, cujos fundadores foram Horkheimer, Adorno e Marcuse. Formada por um grupo de filósofos, críticos culturais e cientistas sociais, visava desenvolver uma “teoria crítica da sociedade” cujos objetivos básicos eram abolir a injustiça social; demonstrar a falsa neutralidade da ciência; através da ação reflexiva construir uma nova base para a práxis; articular teoria e prática, realizando uma crítica ao marxismo petrificado. Com a morte dos fundadores da Escola de Frankfurt, Habermas torna-se o último representante da teoria crítica.

Uma das idéias de relevância no conjunto de suas obras é sem dúvida a Teoria da Ação Comunicativa, escrita em 1981, que se baseia na relação comunicacional lingüística, e tem como objetivo primordial analisar processos comunicativos. A comunicação por meio dessa obra prestigiada se torna uma síntese de seu pensamento. Na obra, Habermas detalha aspectos já apontados em seus textos anteriores e desdobra com maior vigor os vínculos, no interior do agir racional-com-respeito-a-fins, entre as ações instrumentais e estratégicas. Do mesmo modo amplia a sua compreensão do que seja o agir comunicativo que se contrapõe às ações orientadas com vistas a um fim não emancipatório, conforme aponta Nogueira (2001).

Para Habermas, a ação comunicativa surge como uma intenção de, no mínimo, dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabelece relações interpessoais com o objetivo de alcançar uma compreensão sobre a situação em que ocorre a interação e sobre os respectivos planos de ação com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento. Neste processo, eles remetem-se a pretensões de validade criticáveis quanto à sua veracidade, correção normativa e autenticidade, cada uma das quais referindo-se, respectivamente, a mundo objetivo dos fatos, a um mundo social das normas e a um mundo das experiências subjetivas.

*Chamo ação comunicativa aquela forma de interação social em que os planos de ação dos diversos atores ficam coordenados pelo intercâmbio de atos comunicativos, fazendo, para isso, uma utilização de linguagem orientada ao entendimento. À medida em que a comunicação serve ao entendimento pode adotar para as intenções o papel de um mecanismo de coordenação da ação e com isso fazer possível a ação comunicativa (HABERMAS, 1997, p. 148).*

A ação comunicativa procura satisfazer as condições do entendimento e da cooperação. Os atores colocam em evidência o mundo da vida compartilhado pelo caminho da busca sincera do bem comum para

<sup>2</sup> Theodor Wiesengrund Adorno, um dos principais teóricos da Escola de Frankfurt, nasceu em 1903, em Frankfurt, cidade onde fez seus primeiros estudos e em cuja universidade se graduou em filosofia. (CHAUI, 2003).

atender aos interesses das partes envolvidas no processo, bem como de criar um clima favorável ao consenso. Distingue-se do estratégico porque uma coordenação bem-sucedida da ação não depende da racionalidade teológica das orientações da ação, mas da força racionalmente motivadora de realizações de entendimento, isto é, de uma racionalidade que se manifesta nas condições para um consenso obtido comunicativamente. “Além disso, o agir comunicativo tem de satisfazer a condição de entendimento e de cooperação” (HABERMAS, 1990, p.129).

Os atores participantes orientam suas ações para o entendimento e consenso intersubjetivos e encontram, conforme menciona Habermas, o momento criativo da constituição lingüística do mundo; e isto “forma uma ‘síndrome’ com os momentos cognitivos-instrumentais, práticos-morais e expressivos das funções intramundanas da linguagem especializadas na exposição da relação interpessoal e da expressão subjetiva”. (HABERMAS, 1990, p.311.)

Segundo Habermas, agir comunicativo e agir estratégico estão ligados entre si, porém se distinguem e se diferenciam. O agir comunicativo parte do pressuposto que as decisões levam em conta os interesses interpessoais do bem-comum e da reciprocidade. Já o estratégico, pressupõe que as decisões levem em conta os interesses pessoais individuais. Enquanto orienta-se pelos interesses de reciprocidade entre os sujeitos, o segundo orienta-se por interesses e regras técnicas que se apóiam na filosofia-pragmática-instrumental-objetiva, a fim de atingir os fins determinados como essenciais no processo.

*A máxima do agir instrumental consiste na necessidade de uma atividade instrumental geral, a qual as operações mensuráveis tornaram-se possível. O campo no qual se exerce a atividade experimental ou quase-experimental possui o peso valorativo de uma armação transcendental: sob as condições de experimentação, a realidade é objetivada de tal modo que uma reação, objetivável na base da manipulação das condições iniciais, torna-se necessariamente um evento singular em termos transcendentais; esse representa então, por si mesmo, um efeito universal. (HABERMAS, 1987, p 144).*

O agir estratégico-instrumental é a racionalidade técnica da escolha de meios próprios do saber empírico, esse procedimento orienta-se por regras técnicas decorrentes de um saber prático, que implicam em ações condicionadas sobre acontecimentos físicos, observáveis, cujas regras podem ser comprovadas como corretas ou falsas. Na interação intersubjetiva, a razão instrumental não preenche as condições de uma racionalidade que contemple o contexto humano porque dirige o comportamento através de fins específicos do saber empírico. Este tipo de estratégia instrumental é uma ação de uns sobre outros e sobre a situação da ação, a qual é veiculada através de atividades não lingüísticas, ou seja, de ações meramente instrumentais. As ações instrumentais não são propriamente ações sociais, embora possam apresentar-se como elementos que interferem na elaboração das normas sociais. O interesse instrumental é direcionado mais para o domínio da natureza e para a utilização mais adequada dos recursos de que ela dispõe.

A idéia da razão instrumental é reformulada em termos da razão comunicacional, através de relações intersubjetivas, nas quais pela interação de dois ou mais sujeitos, os mesmos buscam entender-se sobre determinado assunto ou objeto, a fim de compreendê-lo. Nas relações intersubjetivas é que se permite discernir a universalização dos interesses numa discussão, como afirma Pimentel (s/d). É exatamente neste ponto, que o fundamento de uma ética da discussão exige a reconstrução de um espaço crítico, aberto e pluralista. Desta forma, a racionalidade passa a ser vista como uma fonte inspiradora nas ações humanas, visando à emancipação dos homens e a um maior entendimento do mundo.

Habermas afirma que o conceito da ação comunicativa está ancorado no agir das pessoas em três mundos distintos: mundo objetivo, social e subjetivo. Gonçalves (1999) descreve o conhecimento que elas partilham sobre mundo objetivo depende o sucesso ou o insucesso de suas ações conjuntas, sendo que a violação das regras técnicas conduz ao fracasso. Após o momento de interação, as pessoas integram-se e orientam-se segundo normas sociais que já existem previamente ou que são produzidas durante a interação. Essas normas definem expectativas recíprocas de comportamento, sobre as quais todos os participantes têm conhecimento. Esse tipo de ação não é avaliada pelo seu êxito, mas pelo reconhecimento intersubjetivo e pelo consenso valorativo, sendo que sua violação gera sanções. Em todas as interações as pessoas revelam algo de suas vivências, intenções, necessidades e medos, deixando transparecer sua inte-

rioridade. Embora as pessoas, em maior ou menor grau, possam controlar as manifestações de suas vivências subjetivas, por meio de suas ações demonstram a sua veracidade discursiva.

A cada um desses mundos correspondem diferentes pretensões de validade. Ao mundo objetivo correspondem pretensões de validade referentes à verdade das afirmações feitas pelos participantes no processo comunicativo. Ao mundo social correspondem pretensões de validade referentes à correção e à adequação das normas, e ao mundo subjetivo – das vivências e sentimentos – correspondem pretensões de veracidade, o que significa que os participantes do diálogo estejam sendo sinceros na expressão dos seus sentimentos.

No que diz respeito tanto à coordenação de ações, como às avaliações éticas e às manifestações subjetivas, a linguagem ocupa um papel fundamental. A legitimação dos valores – verdade, correção normativa e veracidade –, que toda a ação comunicativa pressupõe, não é alcançada por uma racionalidade meio-fim, mas somente pela argumentação em função de princípios reconhecidos e validados pelo grupo.

Habermas propõe um modelo ideal de ação comunicativa, em que as pessoas interajam e, através da utilização da linguagem, organizem-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda a coação externa e interna. A análise do desenvolvimento desse processo conta com categorias dos atos de fala, que possibilitam uma compreensão, na perspectiva da teoria da ação comunicativa de Habermas, do processo interativo e argumentativo que se manifesta nesses atos.

A teoria da ação comunicativa de Habermas é uma teoria comprometida com o interesse emancipatório, que compreende, ainda, o intercâmbio dos sujeitos e as transformações descontínuas na autocompreensão prática dos indivíduos, pois resgata o indivíduo como pessoa, considerando-a co-responsável pela criação das condições do ambiente em que está inserida.

Habermas sustenta a idéia de uma nova dimensão de sociedade, na qual o ser humano está inserido, em um mundo subjetivo das coisas, num mundo social das normas e instituições e no mundo subjetivo das vivências e sentimentos.

A ação comunicativa parte do pressuposto de que o homem é um ser racional finito, carente, com impulsos, desejos e interesses, em outras palavras, com necessidades socialmente interpretadas, sendo que essas necessidades são passíveis de serem satisfeitas consensualmente por um processo argumentativo capaz de levar em conta o indivíduo e a sua identidade e, ao mesmo tempo, o interesse de todos os indivíduos.

### 3. AÇÃO COMUNICATIVA E A ESCOLA: UM OLHAR HABERMASIANO

A fim de situar a proposta de Jürgen Habermas na educação torna-se necessário esclarecer que o autor não produziu uma teoria especificamente voltada à educação, contudo, percebe-se em suas obras a relevância dos conceitos que podem transformar uma prática, principalmente na Teoria da Ação Comunicativa, até então discutida no presente texto.

A partir da leitura de Habermas evidencia-se o desafio, que deveria ser uma constante nas ações cotidianas de professores e alunos, a reflexão sobre suas práticas, transformando-as e percebendo o poder da comunicação, compreendendo seu papel na educação, do seu próprio conhecimento e o do outro.

A questão posta em discussão por meio da teoria da racionalidade comunicativa, objetiva refletir sobre a ação dos sujeitos inseridos no mundo da vida<sup>3</sup> com vistas a um mundo ideal de fala, atentando para a necessidade de realizar uma abordagem diferenciada da relação teoria e prática, esta possibilidade de comunicação ideal com possibilidades de um consenso é tematizado por Habermas que por vias da linguagem estabelece uma outra mediação entre o pensar e o agir humanos.

Na educação contemporânea evidenciam-se diferentes problemáticas, uma delas é sem dúvida transformar a prática pedagógica, buscando além da aprendizagem um desenvolvimento integral do ser

<sup>3</sup> “O Mundo da Vida é uma espécie de a priori social inscrito na intersubjetividade de entendimento lingüístico. “O Mundo da Vida é, pois, desde o início um mundo intersubjetivo, a estrutura básica de sua realidade”. ”. (HABERMAS, Teoria de la acción comunicativa, v. 2, p. 187).

humano. Segundo Habermas esta transformação se efetivará por meio da comunicação, pois o entendimento de que somente por esta via que a educação terá mudanças significativas é fator preponderante em sua obra. Assim entende-se que a participação dos sujeitos é a principal condição para as transformações necessárias, que só ocorre quando os sujeitos desenvolvem as competências e inovações necessárias, para participar do processo comunicacional.

A linguagem e comunicação trazem em seu bojo o potencial emancipador, e através e por sua mediação a educação poderá reassumir seu papel crítico, libertador. Para isso a educação necessita restabelecer seu vínculo com a racionalidade comunicativa e com o mundo da vida. Na educação está presente a racionalidade sistêmica que provoca uma colonização do mundo da vida no contexto escolar, impedindo a ação comunicativa e trazendo à tona um agir estratégico, tornando claro que a não ou pouca participação de professores e alunos nos discursos, fortalece ações antidemocráticas no processo educacional.

Para Habermas, o desafio principal da educação deve ser contra o processo de imposição ideológica da indústria cultural, é preciso valorizar a cultura do mundo da vida de cada pessoa. Espera-se desta forma, que o professor tome conhecimento de seu potencial enquanto agente transformador dessas práticas, atuando ativamente numa construção possível de conhecimento, dentro dos pressupostos de qualidade exigidos, para o presente e futuro de uma sociedade eticamente justa e democrática.

Na situação escolar temos dois sujeitos do conhecimento: o professor e o aluno, ambos ocupam posições subjetivas específicas e particulares como conseqüência das suas histórias. É por meio da fala que o sujeito do conhecimento se apresenta, a partir da inter-relação realizada através da linguagem.

Há um saber que é apropriado pelo professor e um entendimento pelo aluno. O modo como o professor exerce sua atividade educacional, o conhecimento adquirido, sua postura ética, são resultados da apropriação subjetiva que ele estabeleceu ao longo de seu percurso familiar, escolar e profissional.

A comunicação neste sentido se transforma em um horizonte lingüístico que somente se ressignificará no encontro com o horizonte de outro alguém a caminho da fusão. A linguagem sob o ponto de vista habermasiano, é concebida como o elo de interação entre os indivíduos como forma de garantir um processo democrático nas decisões coletivas, onde através de argumentos e contra-argumentos, livres de coerções, os sujeitos buscam conseguir acordos (FOLETTTO, 2008).

É através da linguagem (do ato da fala, da comunicação lingüística) que a teoria da ação comunicativa encontra sustentação para comprometer-se com o interesse emancipatório do indivíduo, pois, a estrutura da comunicação lingüística permite que a comunicação entre dois ou mais indivíduos, seja sobre pessoas, sobre coisas e/ou processos, tenha sentido. Sendo assim, a linguagem permite que o indivíduo expresse os seus sentimentos e suas emoções. Ou seja, ela estabelece o tipo de intersubjetividade em cujo contexto as coisas que são ditas se desenrolam.

Nesse contexto, a linguagem torna-se um ponto de destaque em sua teoria. Pode-se considerar a linguagem, como toda e qualquer forma de comunicação que pode transformar ou modificar a ação das pessoas.

#### **4. USOS E POSSIBILIDADES DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE JÜRGEN HABERMAS**

A fim de justificar o uso e possibilidades da ação comunicativa entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem é necessário que se faça inicialmente, a apresentação do autor, sua relevância na produção cultural crítica e os principais conceitos: agir comunicativo e estratégico, sistema e mundo da vida, situação ideal de fala, além da questão da ética no discurso. A compreensão dos aspectos significativos dessa teoria pode ser tomada como ponto de partida para pensar a possibilidade de uso na comunicação entre professor e aluno. É importante enfatizar a situação ideal de fala nas ações de comunicação que constitui o cotidiano escolar, vislumbrando um entendimento entre os participantes das ações.

A Teoria da ação comunicativa de Habermas compreendida em uma situação ideal de fala representa uma tentativa de transformação das práticas comunicativas, que pode ser levada ao conhecimento dos profissionais da educação, realizando encontros, estudos em diferentes tempos e espaços: reunião de

professores, de pais, conselhos escolares e de classe, enfim, nas diversas situações de comunicação vividas no cotidiano escolar.

*O conceito de ação comunicativa apóia-se no que está acondicionado nas idéias de compreensão e acordo racionalmente motivado. Essas condições são especificadas por Habermas nos seguintes termos: 'Um ouvinte compreende o significado de uma assertiva quando, além das condições gramaticais de boa formação e condições contextuais gerais, ele conhece aquelas condições essenciais sob as quais ele poderia ser motivado por um locutor a assumir uma posição afirmativa'. (HABERMAS, apud TESSER, 2000, p.70)*

È comum a ocorrência de situações conflitantes no contexto escolar, situações em que o professor na angústia de resolver rapidamente um conflito prefere agir de forma estratégica com objetivos puramente instrumentais, por exemplo, quando encontra dificuldades em resolver problemas disciplinares em sala de aula, encaminha o aluno à coordenação pedagógica, quando poderia resolver o conflito utilizando-se da ação comunicativa, de argumentos válidos, a fim de que o aluno, compreenda o significado do entendimento. “Quanto mais discursos, tanto maior a contradição e a diferença. Quanto mais abstrato o acordo, tanto mais variados os dissensos, através dos quais torna-se possível viver sem violência”.(HABERMAS, 1990, p.177).

A ação comunicativa diz respeito à interação de dois sujeitos ou mais, que por meio da linguagem verbal ou não-verbal estabelecem relações interpessoais. Os sujeitos buscam atingir o entendimento sobre qualquer situação através da linguagem, produzindo padrões subseqüentes de interação. A ação, entretanto, pode ser coordenada de diversas maneiras. Uma delas é apontada pelo autor como fundamental, é quando nas ações os agentes são orientados para um entendimento, e esta orientação constitui “ação comunicativa”.

Contudo, segundo Habermas, para que se alcance tal entendimento é preciso planejar e direcionar cuidadosamente as ações, para não correr o risco de praticar uma ação revestida de intenções individuais, contemplando somente uma das partes, sem atingir o consenso. Acredita-se, então, que o conceito de ação comunicativa desenvolve a intuição de que a linguagem é imanente ao entendimento. O entendimento é um conceito de conteúdo normativo e que vai mais além da compreensão de uma expressão gramatical. Habermas sustenta que a linguagem não é um obstáculo para o entendimento, mas sim o caminho para este.

Segundo Habermas (1990), na situação ideal de fala um novo paradigma proposto, para assegurar que um diálogo seja válido e justo, os participantes do discurso terão que cumprir as seguintes condições:

- Todos os participantes de um discurso devem ter a mesma oportunidade de fala, ao questionar, responder.
- Todos os participantes do discurso têm que ter igual oportunidade de fazer interpretações, argumentações, problematizações.
- Para participar do processo discursivo, os sujeitos devem expressar seus sentimentos. Assim no processo discursivo, os falantes deverão ter a mesma oportunidade de empenhar atos de fala regulativos, de argumentar, questionar sem qualquer coerção.

Os conceitos relacionados à teoria de Habermas não podem ser trabalhados isoladamente, mas sim em todos os momentos em que se fizer presente a necessidade do diálogo com vistas à emancipação. Entendem-se aí as ações em sala de aula, na exposição de conteúdos aos alunos, em reunião com pais, na interação com colegas em momentos de estudos e planejamento das ações. Na prática do discurso se entrecruzam o mundo vivido e a ação cotidiana da comunicação.

A aprendizagem em sala de aula não ocorre no vazio, mas trazem a exigência de um saber no qual se dá o entendimento. Essa compreensão contrapõe-se à visão dogmática do conhecimento que, com variações, constitui a tônica de seu tratamento pela escola.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Habermas empreendeu um esforço na busca de novas bases reflexivas que facilitassem e permitís-

sem a cunhagem de uma teoria que apontasse para a emancipação do homem. Nesse sentido, entende-se que a teoria da ação comunicativa se apresenta como uma possibilidade de se buscar esta emancipação.

Assim, pode-se afirmar que a situação ideal de fala, (ou situação ideal de diálogo, como também é chamada) que só é atingida quando todos os interlocutores têm chances iguais de selecionar e empregar atos de fala. Os atos de fala realizados pelos sujeitos baseiam-se num consenso subjacente formado por pretensões de validade: a compreensibilidade do pronunciamento (o que é dito é inteligível), a verdade de sua proposição (o conteúdo do que é dito é verdadeiro), a correção e adequação dos desempenhos (se todos nos comportarmos civilizadamente, sem ofensas, com respeito um pelo outro) e a autenticidade dos interlocutores (os emissores justificam-se por certos direitos sociais ou normas). Quando uma dessas regras é violada, a comunicação não se efetua.

Através da teoria de Habermas, vislumbra-se a idéia de que somente ocorre uma comunicação democrática quando se propicia e estimula a situação ideal de fala cuja meta deverá ser sempre o consenso. Entretanto, o consenso sozinho é estagnador. É necessário que haja o conflito, a divergência de opiniões. Por isso, conclui-se que a dinâmica ideal é aquela onde o consenso e conflitos se alternam e se relacionam dialeticamente. Esta dinâmica nem sempre é entendida no interior das relações que se estabelecem na escola, o conflito é evitado na maioria das vezes com a justificativa de que é necessário evitar transtornos e assim as vozes se calam no equívoco de acreditar que o conflito deve ser evitado para atingir uma relação ideal entre professor e aluno.

A teoria da ação comunicativa vem sendo estudada e discutida, justamente por apresentar uma nova alternativa de se pensar as relações que se estabelecem no contexto educacional, para que ocorra uma comunicação ideal, democrática em que seja garantida a participação de todos os envolvidos no ato comunicativo visando o entendimento, cujo objetivo final é o consenso.

A reflexão compartilhada é uma ferramenta valiosa que contribui com a compreensão do outro e de si mesmo, sustentando dialogicamente as ações entre os sujeitos. A reflexão deve ser pensada como uma situação de descoberta pelo conhecimento das idéias do outro, da busca pelo bem comum, coloca-la como foco de análise no interior das relações é um propósito sempre presente.

A teoria da Ação Comunicativa pode, portanto ser pensada como mais uma tentativa para, através da comunicação, transformar a prática pedagógica, evoluindo de uma perspectiva autoritária, fragmentada e individualista para uma visão democrática, integrada, baseada no trabalho coletivo, na solidariedade, na comunicação, na troca de experiências, no confronto de opiniões e na busca do consenso.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. Razão Comunicativa e Teoria Social Crítica em Jürgen Habermas. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- BENEDICTO, Samuel Carvalho; BRITO, Mozar José; LIMA, Juvêncio Braga. Aprendizagem transformativa no espaço organizacional: uma análise da proposta antropológica da Petrobrás. Organ. rurais agroind. Lavras, v. 7, n. 1, p. 23-36, 2005. Disponível em: [http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/44030/2/revista\\_v7\\_n1\\_jan-abr\\_2005\\_2.pdf](http://ageconsearch.umn.edu/bitstream/44030/2/revista_v7_n1_jan-abr_2005_2.pdf)
- CHOMSKY, Noam. Conferência proferida na UFRJ em 18 de novembro de 1996. Promoção do Departamento de Linguística e da Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ. Tradução: Mirian Lemle.
- CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo. Editora Ática, 2003.
- FOLETTTO, Denize da Silveira; SILVA, Valmir da; AREND, Carline Schröder; TREVISAN, Amarildo Luiz. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS NO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO. RS: 2008. Disponível em: [http://www.ucs.br/ucs/tplCongressoFilosofia/extensao/agenda/eventos/cd\\_60/comunicacoes\\_cientificas/apresentacao/formacao\\_interdisciplinaridade/denize.pdf](http://www.ucs.br/ucs/tplCongressoFilosofia/extensao/agenda/eventos/cd_60/comunicacoes_cientificas/apresentacao/formacao_interdisciplinaridade/denize.pdf)
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. Educ. Soc.,



Campinas, v. 20, n. 66, Apr. 1999 . Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173301999000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173301999000100007&lng=en&nrm=iso)>. access on 23 Sept. 2010. doi: 10.1590/S0101-73301999000100007.

HABERMAS, Jürgen. Consciência Moral e Agir Comunicativo. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. O Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

\_\_\_\_\_. Conhecimento e Interesse. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos. Tradução de: Flávio Breno Siebenichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HERMANN, Nadja. Pluralidade e Ética em Educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

\_\_\_\_\_. Validade em Educação: Intuições e Problemas na Recepção de Habermas. Porto Alegre: ED-IPUCRS, 1999.

NOGUEIRA, Paulo Henrique. Habermas e a não centralidade formativa do trabalho, uma crítica filosófica ao marxismo. Disponível em: [http://www.infoamerica.org/documentos\\_pdf/habermas04.pdf](http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/habermas04.pdf)

TESSER, Gelson João. Ética e Educação: Uma reflexão filosófica a partir da Teoria Crítica de Jürgen Habermas. Tese de Doutorado. São Paulo: 2001.

WIGGERSHAUS, Rolf. A escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: DIFEL, =2002.